

Das iniciativas em Humanidades Digitais e suas materialidades: relato de um laboratório em construção contínua

Ricardo Medeiros Pimenta¹

Resumo

Fruto de uma palestra na mesa redonda sobre iniciativas em Humanidades Digitais no 3º Seminário Tecnologia e Cultura, ocorrido na Fundação Casa de Rui Barbosa, este artigo trata a interdisciplinaridade enquanto elemento fundamental para as práticas e iniciativas em Humanidades Digitais, aponta exemplos e relata a experiência de criação e manutenção de um laboratório em Humanidades Digitais no contexto de uma instituição de pesquisa da área da Ciência da Informação. Aponta também, por pesquisa de campo quantitativa, que o campo da Ciência da Informação no Brasil mostra-se como maior representante de iniciativas de pesquisa em Humanidades Digitais apesar de sinalizar problemas quanto as suas possíveis produções. Conclui retomando os argumentos iniciais dando destaque ao desafio de se refletir sobre a formação do pesquisador das humanidades em perspectiva das novas tecnologias e linguagens computacionais.

Palavras-chave: Humanidades Digitais. Laboratório. Interdisciplinaridade. Ciência da Informação. Inovação.

Abstract

Outcome of a lecture at the roundtable on initiatives in digital humanities at the 3rd Technology and Culture Seminar held at Casa de Rui Barbosa Foundation, this article treats interdisciplinarity as a fundamental element for practices and initiatives in Digital Humanities, points examples and reports the experience of creation and maintenance of a laboratory in Digital Humanities in the context of a research institution in the area of Information Science. It also points out, through quantitative field research, that the field of Information Science in Brazil shows itself as the largest representative of research initiatives in Digital Humanities, despite indicating problems as to their possible productions. It concludes by returning to the initial arguments highlighting the challenge of reflecting on the training of the humanities researcher in perspective to the new technologies and computational languages.

Key-words: Digital Humanities. Laboratory. Interdisciplinarity. Information Science. Innovation.

¹Doutor em Memória Social e Documento pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisador Associado do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, convênio com a UFRJ. Bolsista de Produtividade em pesquisa 2 e Jovem Cientista do Nosso Estado FAPERJ. E mail: ricardopimenta@ibict.br

1 Introdução

A interdisciplinaridade é um fator imanente das práticas das Humanidades Digitais (HD). Afinal, são elas iniciativas nascidas pelo diálogo e pela convergência de propósitos e objetivos entre especialistas de campos disciplinares diversos, somente possíveis pela convergência e velocidade dos artefatos mediadores das informações em um cenário acadêmico que, impactado pelo igualmente surpreendente volume de dados ora produzidos, perfaz uma riqueza criativa e de inovação sem precedentes em uma espécie de “zona de fronteira” profissional, acadêmica e técnica onde a interdisciplinaridade faz-se presente (KLEIN, 2015; POOLE, 2017). Por meio de seu conjunto de práticas realizadas por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, são erigidos questionamentos, objetivos e resoluções com o intuito comum de produzir conhecimento, a partir da mediação da tecnologia digital, no âmbito das humanidades.

As Humanidades Digitais (HD) são, portanto, um lugar ou um processo; talvez mesmo um fluxo de ações e práticas. Uma “comunidade de práticas”, conforme apontado por Daniel Alves (2016), por meio das quais seus integrantes podem representar diferentes facetas de seus respectivos domínios. Como uma “casa” composta de muitas “portas” e “janelas”, as HD parecem compor uma espécie de lugar a partir do qual a dialogia, entre diferentes atores do fazer científico, se torna possível. Isso, contudo, não é simples e não está isento de problemas.

Com efeito, vale lembrar que a diversidade das pesquisas e de possibilidades nas HD igualmente compõem comunidades de práticas diversas. Exemplos como o *History Lab* da Fundação Getúlio Vargas são significativos para identificarmos e compreendermos o papel da matemática aplicada, por exemplo, no processamento de dados e informações de grandes conjuntos documentais e seus respectivos corpus textuais. O projeto mencionado contou com o desenvolvimento de um algoritmo em uma parceria entre a universidade de Columbia, nos Estados Unidos, e o Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), juntamente com sua Escola de Matemática Aplicada (EMAp), para tratar o corpus textual do acervo de Antônio de Azeredo da Silveira, Ministro das Relações Exteriores durante o período de 1974 a 1979. Nesse caso, em específico, o processamento de dados, por meio de *machine learning* de inteligência artificial, por exemplo, compõem o rol de recursos que atualmente vem ganhando mais e mais projeção em iniciativas de pesquisas das áreas das humanidades. Essas iniciativas, entre tantas outras, colocam ombro a ombro profissionais de competências muito díspares. Matemáticos,

programadores, historiadores, sociólogos e cientistas da informação são alguns desses atores que põem à prova a interdisciplinaridade aplicada.

Em casos como o descrito acima, o esforço colaborativo entre estes mesmos atores é o germe de uma reformulação no modo de problematização, questionamento, método empregado e proposição de soluções em humanidades. Currículos, disciplinas e programas, além do que conhecemos como *syllabus* no contexto internacional, parecem estar cada vez mais próximos de alguma forma de revisão no intento de oferecer “a possibilidade de” uma formação complementar de competências transversais capazes de lidar com um manancial de fontes, dados e informações nato-digitais. Certamente não são todas as instituições que se encontram capazes de promover tal interdisciplinaridade seja pelos obstáculos e desafios advindos dos seus próprios recursos humanos, seja pela insuficiência de recursos e infraestrutura para investimento em parques tecnológicos adequados ao pleno desenvolvimento de práticas de pesquisa e de criação de recursos de ordem digital.

Ainda assim, e veremos mais adiante, parece haver no cenário nacional uma tendência de dedicação às HD pelas ciências sociais aplicadas, mais precisamente a Ciência da Informação cuja dialogia entre os estudos da informação, do conhecimento e das suas respectivas tecnologias parece propor um terreno fértil para a experimentação e aplicação das mesmas às humanidades.

Debate extenso e rico que, para fins desse artigo no campo da CI, toma corpo a partir do relato e análise da iniciativa de criação e atuação do Laboratório em Rede de Humanidades Digitais (LARHUD) no âmbito de um grupo de pesquisa intitulado “Informação, Memória e Sociedade” (IMeS/IBICT) residente no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

2 A proposta de uma *thinking* na CI: experimentar e inovar

No ano de 2016 buscamos implementar, ainda que de forma rudimentar, um laboratório dedicado às Humanidades Digitais no âmbito do IBICT: o Laboratório em Rede de Humanidades Digitais (LARHUD). A ideia do laboratório vinha acompanhada de uma proposta de materializar em um espaço comum e colaborativo, composto de estudantes e pesquisadores, as reflexões relacionadas aos estudos críticos das HD. Sem possibilidades concretas de investimento material em computadores, softwares e servidores, o primeiro passo tomado dizia respeito à constituição de um fórum interinstitucional de personagens dispostos

a refletir sobre o impacto e a emergência dos recursos digitais na prática das pesquisas das humanidades.

Figura 1: Imagem do *workshop* de criação do LARHUD realizado no IBICT. 30 de outubro de 2017.



Fonte: Próprio autor.

Proposta essa que buscava corresponder a uma demanda por uma produção crítica quanto às Humanidades Digitais (GIBBS, 2011) e que, conforme David M. Berry (2011, p.05), contribuiria para a problematização da “computacionalidade” e de seu papel na produção de conhecimento e informação no século XXI, em especial, no âmbito das Humanidades que vem aprendendo a utilizar a mediação computacional em suas práticas investigativas e na formação de seu discurso disciplinar.

Não obstante, conforme foi-se incorporando ao grupo laboratorial indivíduos com competências distintas, se tornava notório que não nos restringiríamos unicamente às reflexões teóricas, tornando a prática laboratorial cada vez mais concreta.

Do ponto de vista concreto, o laboratório buscou produzir inicialmente alguns cursos destinados ao público discente e docente de programas de pós-graduação, mas não limitando-se apenas a esse público. Cursos básicos, introdutórios de linguagem *Python*, foram ministrados por três edições seguidas ao longo de pouco mais de um ano de existência do laboratório. No conteúdo do curso, elementos básicos de introdução à história da internet, da

computação e daquela linguagem computacional em si, buscando produzir os meios necessários para os inscitos compreenderem a lógica de uma nova forma de escrita (FLUSSER, 2010) que produz informação e conhecimento a partir da mediação algorítmica. A ideia era a de permitir que o recurso da programação pudesse se tornar uma ferramenta para aplicação nos métodos outrora desprovidos de tais recursos.

Usamos como paradigma para as atividades realizadas no âmbito laboratorial, voltando para as Humanidades Digitais e sua articulação com a CI, a ideia de *thinking*, apresentada pelo *Centre for Contemporary and Digital History (C2DH)* (S/D) da Universidade de Luxemburgo por compreendermos que prática, investigação, pesquisa, inovação, ludicidade e exploração precisam estar juntas para a contínua sinergia no processo de incentivar a produção científica e tecnológica, além de desenvolver ferramentas e metodologias no vasto campo das Humanidades intermediado pelo emprego de plataformas, *softwares* e demais tipos de registros digitais.

Enquanto parte de um programa de atividades pelas quais compreende-se contribuir para um processo de "transformação digital" no âmbito da pesquisa aplicada e do desenvolvimento metodológico, buscou-se contribuir para a concretização e aplicação de ferramentas para pesquisas e experimentações no campo de investigação dos seus membros. Em paralelo seguimos na empreitada de tornar possível uma rede de desenvolvedores capaz de promover soluções simples e elegantes para pequenos obstáculos do campo de pesquisa majoritariamente digital nas humanidades.

Foi nesse sentido, com o intuito de oferecer suporte crítico e metodológico aos "praticantes" das Humanidades Digitais (HD) que as atividades laboratoriais desempenhadas no LARHUD buscaram, enquanto lugar de práticas, compor um espaço comunitário onde a gestão e a aplicação de ideias, métodos e de conhecimento, todos relacionados ao universo digital, voltados aos estudos de humanidades atuem em um inovador paradigma de interdisciplinaridade ou transdisciplinaridade. Em contrapartida ao exposto, tal expectativa compõe um conjunto de práticas e processos a partir dos quais compreendemos constituir um objeto de estudo para a Ciência da Informação (CI).

Com efeito, compreendemos que algumas ações laboratoriais que empregamos são essenciais para que ocorra o *thinking* no escopo da CI:

- a) Identificar o conjunto de ferramentas (softwares) e plataformas, prioritariamente de acesso aberto, ambos utilizados em pesquisas oriundas das ciências humanas tradicionais e da CI;

- b) Considerar *a priori* que a CI está fundamentalmente presente nas Humanidades Digitais, e, portanto, sua articulação do ponto de vista das metodologias para a pesquisa em humanidades no universo digital é condição *sine qua non* para o processo conhecido como “transformação digital” para as humanidades;
- c) Incentivar a experimentação, a prototipagem, de soluções digitais via computação para desafios metodológicos cujo campo de pesquisa das humanidades e, portanto, também da CI, apresenta no dia-a-dia da pesquisa;
- d) Realizar oficinas regulares para o desenvolvimento de competências em informação, tendo em perspectiva sua dimensão crítica, voltadas aos pesquisadores das humanidades *lato sensu*;
- e) Promover a “alfabetização” midiática e informacional para combater a desinformação e ajudar os usuários a navegar no ambiente digital e realizar pesquisas no campo das humanidades mediadas por esse mesmo ambiente;
- f) Identificar e classificar, de seu ponto de vista teórico e metodológico, as consonâncias de aplicação de ferramentas digitais em subáreas das humanidades e na área da Ciência da Informação;
- g) Desenvolver ferramentas para captura de dados e informações no ciberespaço e na internet, assim como repositório capaz de disponibilizá-las para a comunidade científica em acesso aberto;
- h) Produzir meios de produção colaborativa entre os membros da equipe deste projeto com intento de realizar um estudo reflexivo sobre a própria prática no âmbito de um laboratório de humanidades digitais na realidade brasileira.

Os pontos elencados parecem auxiliar-nos a compreender o quanto o impacto das novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC), notadamente aquelas que são mediadas pelos recursos digitais e computacionais, está diretamente relacionado às novas formas metodológicas mediadas pelo digital para sua subsequente produção de conhecimento. Ademais, é nesse contexto que se sugere refletir e lançar novos questionamentos sobre o que chamamos aqui de uma nova “escrita” e sua respectiva “gramática” para a produção do conhecimento que se torna tangível a partir dessas práticas laboratoriais.

Ou seja, é a partir dessa nova escrita que experimentações se tornam possíveis no campo de pesquisa cujas ferramentas empregadas possam ser consideradas novas neste cenário. Articulação com conhecimentos e métodos das/nas humanidades (GUERREIRO;

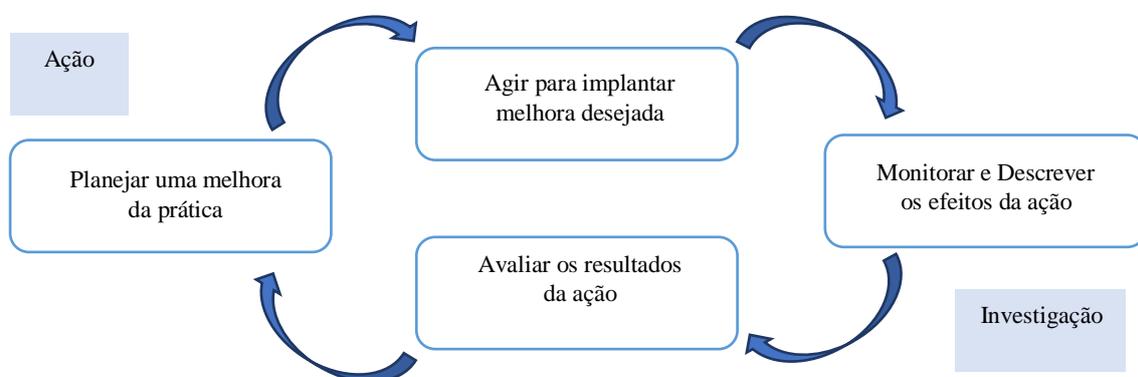
BORBINHA, 2014) mediadas pelas NTIC têm se tornado exponencialmente presentes no dia a dia das pesquisas e, portanto, igualmente um desafio ao desenvolvimento de competências pelos cientistas das humanidades para lidar com estes novos parâmetros, dispositivos, objetos e cenários.

Ainda conforme Pimenta (2016, p. 22), inovação, torna-se, portanto, elemento fulcral para o desenvolvimento científico das humanidades em face à constante e crescente produção de fenômenos e fatos sociais, culturais e socioeconômicos nos ambientes digitais.

As práticas existentes em um laboratório de Humanidades Digitais podem, ou devem operar como um constante ciclo de inovação e aprendizado. Portanto de experimentação contínua. Sugerimos, pois, que a reflexão sobre as atividades em um laboratório dedicado às Humanidades Digitais, uma vez que se compreende tal comunidade marcada pela constante inovação na forma como a pesquisa se relaciona com seus respectivos objetos, metodologias e/ou resultados ou produtos, possa ser compreendida à luz da perspectiva da “pesquisa-ação”.

Do ponto de vista da “pesquisa-ação”, as ações e produções técnicas, de divulgação e de desenvolvimento computacional aplicadas à pesquisa em humanidades, produzidas no âmbito do LARHUD, bem como as ferramentas e plataformas advindas dessas práticas “buscam efetuar transformações em suas próprias práticas” (BROWN; DOWLING, 2001, p. 152) e, portanto, contribuir para a construção de um olhar reflexivo sobre os métodos de pesquisa em face do digital. E não seria este o contexto no qual propusemos a criação do laboratório aqui apresentado? Certamente que sim. O diagrama abaixo, proposto por Tripp (2005), ilustra nossa afirmativa:

Figura 2: Reprodução da representação do ciclo básico de investigação-ação (TRIPP, 2005).



Fonte: próprio autor.

Ainda conforme o diagrama acima, a parte relacionada à avaliação e ao planejamento poderia ser considerada enquanto possibilidade de emprego metodológico com a qual buscamos construir e implementar as ações do LARHUD juntamente com seus integrantes. Com efeito, precisamos ressaltar que no mesmo diagrama, apesar de o reproduzir conforme Tripp (2005), gostaríamos de substituir o termo “melhora” por termos como “modificação”, “inovação” ou “experimentação”. Não concordamos que há de forma linear um processo de progressiva melhora a partir da descrição e avaliação de ações apenas. Pensar em “melhora” é, sobretudo, desqualificar tudo o que havia sido feito até então como “errado” ou “insuficiente”. Nesse caso, conforme propusemos brevemente, a ideia da experimentação implícita no conceito de *thinking* aqui utilizado está, e precisa estar, mais associada à criatividade e ao aprendizado contínuo não-linear e menos ligada à perspectiva de progresso linearizado no fazer científico. Complementarmente ao apontado, ao tratarmos de Humanidades Digitais em uma realidade como a brasileira, e propriamente da instalação de um Laboratório, considerando a falta de recursos materiais e humanos, seria um truísmo pensarmos diferentemente do que apontamos até então.

Estamos do lado oposto àquele que controla o “leme” da grande “embarcação” do capitalismo digital pois compomos o mercado consumidor da exponencial indústria global de softwares. Somos de origem linguística diversa à anglófona, e por isso já partimos de patamares distintos quando o assunto é comunicação científica no cenário internacional, (GONZÁLEZ-BLANCO GARCIA, MARTÍNEZ CANTÓN, RIO RIANDE, 2014, p. 65). Ainda assim, segundo Mike Grimshaw (2018), podemos contribuir a partir de nossas práticas, nossas realidades e demandas para o que ele chama de Humanidades Digitais Críticas enquanto espaço de verdadeira interdisciplinaridade e de hibridez pós-acadêmica. Ou seja, lugar de cruzamento entre o discurso acadêmico e não acadêmico e, portanto, de produção de um conhecimento para além dos limites disciplinares cunhados pelo modelo universitário moderno. Nesse sentido, a interdisciplinaridade torna-se imperativa ao bom desenvolvimento de pesquisas e resultados no âmbito de um projeto, ou de um laboratório, que se proponha a ser de humanidades digitais pois aí residem características outrora apontadas por Olga Pombo (2005) como de “fronteira” ou híbridas.

Obviamente tal colocação não se propõe a postular que todas as atividades de HD no Brasil, ou todos os laboratórios ou grupos de pesquisa, contribuem para essa visão crítica das próprias HD. Há outros laboratórios e iniciativas como grupos de pesquisa dedicados às HD e é possível perceber diferenças entre eles. Na seção seguinte apresentaremos estes grupos e

uma breve análise de suas propostas de forma que possamos aferir nossa proposição inicial deste artigo, de que a CI parece ter algum destaque no “estado da arte” referente às HD brasileiras.

3 Grupos de pesquisa em Humanidades Digitais: construções recentes

As Humanidades Digitais no cenário brasileiro têm suas origens em algumas iniciativas importantes egressas da linguística com especial destaque para aquela produzida na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, da Universidade de São Paulo.² Foi na Brasileira Digital que significativa produção do grupo de pesquisa Humanidades Digitais, coordenado pela professora doutora Maria Clara Paixão de Sousa, obteve êxito e contribuiu para o contínuo interesse por parte da comunidade científica em conhecer as ainda pouco conhecidas HD. O grupo encontra-se atualmente excluído da plataforma diretório de grupos de pesquisa do CNPq e aparentemente suas atividades foram descontinuadas.

Apesar do ônus em não contarmos com o grupo supracitado no cenário das humanidades brasileiras, há alguns outros grupos que, de 2009 para cá vêm buscando constituir-se enquanto parte de uma comunidade de práticas ligadas às HD no Brasil. Os dados a seguir foram extraídos do levantamento feito durante pesquisa de pós-doutorado entre os anos de 2017 e 2018 e devidamente atualizados para este artigo.

Tabela 1: Resultado de consulta parametrizada de grupos de pesquisa com Humanidades Digitais no título.

 Consulta Parametrizada					
INSTITUIÇÃO	GRUPO	LÍDER	2º LÍDER	ANO DE FORMAÇÃO	ÁREA PREDOMINANTE
Universidade Estadual de Feira de Santana	Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais, Filologia e Acervos de Escritores	Liliane Lemos Santana Barreiros	Patricio Nunes Barreiros	2008	Linguística, Letras e Artes
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	Grupo de Estudos em Linguística Computacional, Corpus e Humanidades Digitais (ComCorHd)	Maria Cláudia de Freitas	-	2015	Linguística, Letras e Artes
Universidade Federal do Rio de Janeiro	HDig - Humanidades digitais	Roberto dos Santos Bartholo Junior	-	2012	Engenharias
Universidade de São Paulo	Humanidades Digitais	Maria Clara Paixão de Sousa	-	2011	Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Federal de Pernambuco	Imago e humanidades digitais.	Májury Karoline Fernandes de Oliveira Miranda	Diego Andres Salcedo	2014	Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Federal da Bahia	Laboratório de Humanidades Digitais da UFBA	Leonardo Fernandes Nascimento	-	2018	Ciências Humanas
Universidade Católica de Pernambuco	PESQUISAS EM CIBERPSICOLOGIA E HUMANIDADES DIGITAIS	Veronique Donard	-	2018	Ciências Humanas
Universidade Federal de São Carlos	Representação e Humanidades Digitais	Paula Regina DaEvedove	Brisa Pozzi de Sousa	2015	Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Federal de São Carlos	Representação e Humanidades Digitais	Paula Regina DaEvedove	Brisa Pozzi de Sousa	2015	Ciências Sociais Aplicadas
Total de registros: 9					

Fonte: CNPq.

² Mais informações sobre as iniciativas do grupo de pesquisa Humanidades Digitais, da USP, que esteve à frente de atividades ligadas às HD na Brasileira Digital, podem ser acessadas aqui: <https://seminariohumanidadesdigitais.wordpress.com/2013/05/02/humanidades-digitais-no-brasil/>.

A atualização de dados como estes é fundamental para compreendermos a dinâmica implícita nas produções científicas e em suas demais modulações. Durante o ano de 2018 o número de registro sobre grupos aparentemente aumentou de sete para nove dedicados às Humanidades Digitais. Contudo, vale sinalizar que já desde a primeira consulta o número de grupos de fato ativos não eram sete e sim seis. O grupo de pesquisa “Humanidades Digitais”, destacado em cinza na quarta linha da tabela, um dos pioneiros no cenário brasileiro, já constava como excluído na base de dados do diretório. Em relação à última consulta do total de nove, identificamos mais dois grupos em situação de exclusão. Ou seja, terminados por seus líderes. São eles, marcados em cinza: (1) grupo de estudos em linguística computacional, corpus e humanidades digitais, da PUC-Rio; (2) Representação e Humanidades Digitais, da Universidade Federal de São Carlos. No total o número de seis grupos jaz no cenário brasileiro e aponta para algo significativo. Teria havido um “boom” no interesse por Humanidades Digitais no Brasil nos últimos dois anos?

Na tabela seguinte, em continuidade à análise proposta, encontram-se 12 registros de grupos cujo termo “humanidades digitais” compõem uma linha de pesquisa e não parte do título do grupo, evidenciando que o foco central das atividades não se restringe às HD, mas apontam uma dedicação parcial à temática na forma de linha de pesquisa.

Tabela 2 : Resultado de consulta parametrizada de grupos de pesquisa com Humanidades Digitais na linha de pesquisa.

 Consulta Parametrizada					
INSTITUIÇÃO	GRUPO	LÍDER	2º LÍDER	ANO DE FORMAÇÃO	ÁREA PREDOMINANTE
Universidade de São Paulo	ARISE - Arqueologia Interativa e Simulações Eletrônicas	Alex da Silva Martre	Vagner Carvalheiro Porto	2017	Ciências Humanas
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano	Comunidades Virtuais - IF Baiano	Helvym Rogerio Reis Viana da Silva Teles	-	2018	Ciências Humanas
Universidade Federal de Pernambuco	Estudos epistemológicos em Informação - EEI	Májory Karoline Fernandes de Oliveira Miranda	Diego Andres Salcedo	2016	Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Estadual de Feira de Santana	Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais, Filologia e Acervos de Escritores	Liliane Lemos Santana Barreiros	Patricio Nunes Barreiros	2008	Linguística, Letras e Artes
Fundação Casa de Rui Barbosa	Grupo de Pesquisa de Tecnologias e Comunicação em Instituições de Memória (GPTICIM)	Ana Ligia Silva Medeiros	-	2017	Ciências Sociais Aplicadas
Universidade do Estado da Bahia	Grupo de Pesquisa Cultura e Literatura Baiana	Zoraide Portela Silva	Esmeralda Guimaraes Meira	2012	Linguística, Letras e Artes
Universidade Federal de Pernambuco	Imago e humanidades digitais.	Májory Karoline Fernandes de Oliveira Miranda	Diego Andres Salcedo	2014	Ciências Sociais Aplicadas
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia	Informação, Memória e Sociedade	Ricardo Medeiros Pimenta	-	2013	Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	LINCEU - Visões da Antiguidade Clássica	Márcio Thamos	Brunno Vinicius Gonçalves Vieira	2008	Linguística, Letras e Artes
Universidade de São Paulo	Núcleo de Pesquisa e Tecnologia em Produção Científica	Jose Fernando Modesto da Silva	Marcos Luiz Mucheroni	1992	Ciências Sociais Aplicadas
Universidade de São Paulo	Observatório do Mercado de Trabalho em Informação e Documentação	Francisco Carlos Paletta	Waldomiro de Castro Santos Vergueiro	2011	Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Federal de Santa Catarina	TEMA DIDÁTICO - Tecnologia, Educação e Materiais Didáticos	Juliana Cristina Faggion Bergmann	Marimar da Silva	2012	Ciências Humanas
Total de registros: 12					

Fonte: CNPq.

Do conjunto de grupos de pesquisa apenas um registro encontra-se com o status “excluído” da base: o núcleo de pesquisa e tecnologia em produção científica, da USP. Interessante notar que, assim como na primeira amostragem, aqui as ciências sociais aplicadas, lideradas por pesquisadores da Ciência da Informação também são maioria no tocante a tal comunidade interessada nas HD.

Também com grupos relativamente novos, o que conseguimos averiguar ao tabular a produção científica de cada membro desses respectivos grupos é que a maioria não produz “humanidades digitais” de forma claramente nominada. Suas respectivas produções são ainda restritas aos campos disciplinares de origem de seus produtores e em grande maioria não se utilizam sequer o termo “humanidades digitais” em seus metadados ou em seu próprio corpus textual (PIMENTA, 2018). Ou seja, testemunhamos ainda uma ação interdisciplinar “centrípeta”(POMBO, 2010, pp. 26-27) onde pesquisadores e/ou grupos, sem haver consolidado um campo específico que marque tal interdisciplinaridade, “importam” ou cooptam métodos, determinações, ferramentas, vocabulários próprios de outros campos disciplinares com o intuito de resolver suas demandas sem necessariamente promover de forma centrífuga a produção de conhecimento em diálogo contínuo interdisciplinar e que marcaria ou consolidaria problemas, objetivos e demandas com reconhecidas por disciplinas distintas.

Nesse sentido, buscamos produzir atividades que pudessem nos auxiliar na formulação de problemas e proposições comuns à CI e a outras disciplinas antes de produzir textos ou de renomear aquilo que já fora produzido como sendo de HD, constituindo assim uma espécie de *leitmotiv* comum, coletivo, colaborativo. A partir do laboratório, seria possível representar ações de “experimentação”, “aplicação”, valorizando o trabalho “coletivo” em prol de, na produção de “dados” e “metadados”, iniciativas de “acesso aberto” (DACOS, 2011).

A experiência realizada no campo dessa pesquisa foi o próprio Laboratório em Rede de Humanidades Digitais (LARHUD), a partir dele pudemos acompanhar a elaboração de cursos como os de linguagem *Python*, de uso de ferramentas como o GIS (*Geographic Information System*) e Zotero (para gestão de referências bibliográficas). Além da observação de disciplina ministrada em mestrado e doutorado de CI, onde registraram-se os dados produzidos no âmbito dessa mesma a partir de exercício discente dedicado o levantamento bibliométrico da produção em HD no mundo e no Brasil. Em paralelo o mesmo laboratório atuou na criação e desenvolvimento de ferramentas, produzindo um gerador de nuvem de palavras exclusivo em linguagem *Python*, sem limite de uso simultâneo de arquivos textuais

para geração de *dataset* de ocorrência de palavras seguido de forma de visualização das mesmas. Atualmente, o que produzimos em ambas atividades está sendo colocado em um repositório, de acesso aberto, na plataforma Zenodo³ de maneira a tornar acessível o conjunto de fontes que vêm sendo produzidas no escopo do próprio conjunto de atividades do referido laboratório.

4 Considerações Finais

Tais atividades aqui relatadas, apesar de não serem incomuns no âmbito da CI e em especial do IBICT, não estabeleciam uma dialogia possível e profícua entre essas mesmas práticas e arcabouço teórico-conceitual das Humanidades Digitais mesmo que seja evidente o crescente envolvimento de atores do cenário científico da CI nesta temática. Afinal, as HD, segundo Robinson (2015) possuem uma forte ligação com a CI já que ambas possuem estreita relação com as informações e com a produção, circulação e investigação de documentos registrados. Desta forma, era necessário construir uma possibilidade criativa para tal dialogia. A implementação do laboratório foi uma tentativa de responder a tal demanda por meio da materialização de uma linha de pesquisa.

O objetivo foi, e é, o de incentivar a produção científica tecnológica da área das ciências humanas, sociais e sociais aplicadas; desenvolver ferramentas e metodologias pensando em perspectiva à transformação digital vivida dentro do campo científico das humanidades; e contribuir para o incremento dos estudos críticos e práticas em humanidade digitais.

Nas humanidades, quando refletimos sobre uma metodologia majoritariamente mediada pelo digital, em alguma medida poder-se-á discutir inclusive questões referentes à formação deste pesquisador da área das humanidades que precisa desenvolver novas competências para tal. Desde a comunicação científica e a divulgação científica, onde formas de visualização de dados vêm sendo exponencialmente exploradas, até as novas formas de escrita, agora mediadas pela linguagem da programação enquanto forma de produção de soluções para o uso e reuso de dados e informações digitais, é fato que os espaços

³O Zenodo é um repositório digital multidisciplinar de acesso aberto produzido pelo *Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire* (CERN). Ele permite que pesquisadores, grupos e instituições criem seu próprio repositório temático ou institucional em nuvem. Em poucos meses o conteúdo do LARHUD que estiver no Zenodo será replicado na versão que está sendo customizada pelo laboratório, utilizando-se do mesmo software daquela plataforma: o Invenio. O nome do repositório temático do LARHUD será *Maenduar* (lembrar, em tupi guarani).

laboratoriais, experimentais, que colaborem com o diálogo interdisciplinar entre cientistas das humanidades e demais cientistas da computação, matemática e outras áreas, protagonizam hoje um importante papel para a manutenção das humanidades em face de um cenário global no qual informações, documentos, fontes e dados tornam-se nato-digitais e, portanto, de imperativa mediação com as novas tecnologias da informação e comunicação. Os exemplos aqui apresentados são evidência de que estamos em meio a tais processos de “aceleração centrípeta” e em um segundo momento “centrífuga” de construção de um conhecimento de natureza interdisciplinar e que impactará a formação dos humanistas nos próximos anos. E a CI, neste cenário, possui um importante papel.

Referências

- ALVES, Daniel. As Humanidades Digitais como uma comunidade de práticas dentro do formalismo acadêmico: dos exemplos internacionais ao caso português. **Ler História** [Online], 69, 2016. Disponível na Internet: <<http://journals.openedition.org/lerhistoria/2496>>. Acesso em: 08 set. 2018.
- BERRY, David M. The Computational Turn: Thinking About the Digital Humanities. **CultureMachine**, v. 12, n. 0, 2011. Disponível em: <<http://www.culturemachine.net/index.php/cm/article/view/440>>. Acesso em: 1 dez. 2018.
- BROWN, A.; DOWLING, P. Doing research/reading research: a Doing research In: BROWN, A.; DOWLING, P. (orgs.) **Reading research mode of interrogation for teaching**. Londres: Routledge Falmer, 2001.
- C2DH. Thinkering. **Luxembourg Centre for Contemporary and Digital History**. Disponível em: <<https://www.c2dh.uni.lu/thinkering>>. Acesso em: 17 set. 2018
- DACOS, Marin. Manifesto das Digital Humanities. **ThatCamp Paris**. [blog] 2011. Disponível em: <URL: <https://tcp.hypotheses.org/497>>. Acesso em: 05 dez. 2018.
- FLUSSER, Vilem. **A escrita: há futuro para a escrita?** São Paulo: Annablume, 2010.
- GIBBS, Fred. Critical Discourse in Digital Humanities. **Journal of Digital Humanities**. Disponível em: <<http://journalofdigitalhumanities.org/1-1/critical-discourse-in-digital-humanities-by-fred-gibbs/>>. Acesso em: 1 dez. 2018.
- GONZÁLEZ-BLANCO GARCIA, Elena; MARTÍNEZ CANTÓN, Clara Isabel; RIO RIANDE, Gimena del. El Laboratorio de Innovación en Humanidades Digitales y la redefinición del perfil del humanista y la academia en el siglo XXI. RIO RIANDE, Gimena de; CANTAMUTTO, Lucía; et al. **Las humanidades digitales desde Argentina: tecnologías, culturas, saberes: actas de las I Jornadas de Humanidades Digitales**. [s.l.: s.n.], 2015. Disponível em:

<<http://aahd.com.ar/sites/default/files/novedades/adjuntos/Actas%20HD%202014.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2018.

GRIMSHAW, Mike. Towards a manifesto for a critical digital humanities: critiquing the extractive capitalism of digital society. **Palgrave Communications**, v. 4, n. 1, p. 21, 2018. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/s41599-018-0075-y.pdf>>.. Acesso em: 01 dez. 2018.

GUERREIRO, D.; BORBINHA, J. Humanidades Digitais: novos desafios e Oportunidades (novo artigo). **Revista Internacional del Libro, Digitalización y Bibliotecas**. 2:2. 2014. Disponível em: <<http://ijbes.cgpublisher.com>>. Acesso em: 10 set. 2018.

KLEIN, J.T. **Interdisciplining Digital Humanities: Boundary Work in an Emerging Field**. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 2015.

PIMENTA, Ricardo M. Relatórios de produção científica de pesquisadores e estudantes de grupos de pesquisa em Humanidades Digitais. **Zenodo**. 21 ago. 2018. [Laboratório em Rede de Humanidades Digitais] Disponível em: <<http://doi.org/10.5281/zenodo.1982419>>. Acesso em: 06 dez. 2018.

PIMENTA, Ricardo M. Os objetos técnicos e seus papéis no horizonte das humanidades digitais: um caso para a ciência da informação. **Revista Conhecimento em Ação**. v.1, n.2, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/20/7147>>. Acesso em: 28 out. 2018.

POMBO, Olga. EPISTEMOLOGIA DA INTERDISCIPLINARIDADE. **Ideação**, v. 10, n. 1, p. 9–40, 2010. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4141/3187>>. Acesso em 08 dez. 2018.
_____. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liinc em revista**, v. 1, n. 1, p. 3-15, 2005. Disponível em: <URL: <http://www.brapci.inf.br/v/a/5447>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

POOLE, Alex H. The conceptual ecology of digital humanities. **Journal of Documentation**, v. 73, n. 1, p. 91–122, 2017.

ROBINSON, L., Priego, E. & Bawden, D. Library and information science and digital humanities: two disciplines, joint future?. **14th International Symposium on Information Science**, 19-21 May 2015, Zadar, Croatia. Disponível em: <<http://openaccess.city.ac.uk/11889/8/LIS%20and%20DH.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2018].

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2018.